

A MEIA-NOITE

VISÃO ESTELAR DE UM MOMENTO DE GUERRA



RAMÓN DEL VALLE-INCLÁN

tradução e introdução de
PEDRO VENTURA

Ramón del Valle-Inclán

A MEIA-NOITE

VISÃO ESTELAR DE UM
MOMENTO DE GUERRA

tradução e introdução de
Pedro Ventura

ASSÍRIO & ALVIM

A MEIA-NOITE
VISÃO ESTELAR DE UM MOMENTO
DE GUERRA

BREVE NOTA

Era meu propósito condensar num livro os vários e diversos lances de um dia de guerra em França. Acontece que, ao escrever sobre a guerra, o narrador que antes foi testemunha, confere aos acontecimentos uma ligação cronológica puramente acidental, nascida da humana e geométrica limitação que nos impede ser ao mesmo tempo em várias partes. E como para percorrer esta enorme frente de batalha, que desde os montes alsacianos baixa até à costa do mar, são muitas as jornadas, o narrador ajusta a guerra e os seus acidentes à medida do seu caminhar: As batalhas começam quando os seus olhos se achegam a observá-las: O terrível rumor da guerra apaga-se quando se afasta das paragens trágicas, e volta quando se aproxima delas. Todos os relatos estão limitados pela posição geométrica do narrador. Mas aquele que pudesse ser ao mesmo tempo em diversos lugares, como os teósofos dizem de alguns faquires, e as gentes novelescas de Cagliostro, que, desterrado de

Paris, saiu à mesma hora por todas as portas da cidade, certamente teria da guerra uma visão, uma emoção e uma conceção em tudo diferente da que pode ter a mísera testemunha, sujeita às leis geométricas da matéria corporal e mortal. Entre um e outro modo haveria a mesma diferença que medeia entre a visão do soldado que se bate sumido na trincheira e a do general que segue os acidentes da batalha encurvado sobre o mapa. Esta intuição taumatúrgica das paragens e dos acontecimentos, esta compreensão que parece fora do espaço e do tempo, não é no entanto alheia à literatura, podendo ser considerada como a engendradora dos velhos poemas primitivos, vasos religiosos onde dispersas vozes e dispersos relatos se juntaram, ao cabo dos séculos, num relato máximo, cômputo de todos, numa visão suprema, quase infinita, de infinitos olhos que fecham o círculo. Quando os soldados de França voltarem às suas aldeias, e os cegos caminharem pelas veredas com os seus cães, e os que não têm pernas pedirem esmola à porta das igrejas, e os mancos correrem de um lado para o outro com alegre ofício de recebedores do dízimo; quando no fundo dos lares se nomearem os mortos e se rezar por eles, cada boca terá um relato distinto, e serão centenas de milhares os relatos, ex-

pressão de outras tantas visões, que acabarão por resumir-se numa visão, cômputo de todas. Desaparecerá então o pobre olhar do soldado, para criar a visão coletiva, a visão de todo o povo que esteve na guerra e viu de uma vez só todos os acontecimentos desde todas as paragens. O círculo, ao fechar-se, engendra o centro, e desta visão cíclica nasce o poeta, que vale tanto como dizer o Adivinho.

Eu, torpe e fútil, quis ser centro e ter da guerra uma visão astral, aparte a geometria e a cronologia, como se a alma, desencarnada já, olhasse a terra desde a sua estrela. Fracassei no empenho, a minha droga índica negou-me nesta ocasião o seu maravilhoso eflúvio. Estas páginas que agora saem à luz não são mais que um balbuceio do ideal sonhado. Voltarei a França e à frente de batalha para acender a minha emoção, e quem sabe se ainda poderei realizar aquele orgulhoso propósito de escrever as visões e as emoções de UM DIA DE GUERRA.

V.-I.

Por volta da meia-noite acendi a lâmpada. Coloquei-me diante e a minha sombra cobria o muro. Abri o livro e soletrei as palavras com que se desencarna a alma que quer observar o mundo fora da geometria. Depois apaguei a lâmpada e deitei-me sobre a terra com os braços em cruz, como o livro adverte. Artéfio, astrólogo siracusano, escreveu este livro, que se chama em latim CLAVIS MAIORIS SAPIENTIAE.

CAPÍTULO I

São doze da noite. A lua navega por céus de estrelas claras, por céus azuis, por céus nebulosos. Dos bosques montanhosos da região alsaciana até à costa brava do mar nortenho, espreitam os exércitos agachados nos fossos do seu entrincheiramento, onde fede a morto como na jaula das hienas. O francês, filho da loba latina, e o bárbaro germano, espúrio de toda a tradição, estão outra vez em guerra. Duzentas léguas alcança a linha das suas defesas, desde as falésias do mar até aos montes que dominam a verde planície do Reno. São centenas de milhares, e apenas os olhos das estrelas podem vê-los combater ao mesmo tempo, nos dois cabos desta linha tão longa, constantemente inundada relampejo da pólvora e com o estrondo do canhão rolante pelo seu céu.